

---

Alguém aceitaria, hoje, com os modernos raticidas, com as modernas e bem-aparelhadas empresas especializadas em exterminação de ratos, que até bem pouco tempo a Biblioteca tinha uma verba especial para a alimentação do seu batalhão de gordos e bem-tratados gatos, verdadeiros funcionários públicos, encarregados de comer os ratos que roíam os nossos velhos e preciosos alfarrábios? Pois, podem acreditar, isso existiu e está documentado na contabilidade oficial da Casa. Vejamos outros casos, deixando de lado os problemas de salários, a ingerência absurda das autoridades governamentais na direção da Casa e as reclamações de diretores contra a nomeação de funcionários analfabetos ou quase, de que já tratamos atrás.

---

Falemos do primeiro roubo de livros havido na Biblioteca. Foi logo no início da sua história e foi relatado pelo bibliotecário Luís Marrocos, em carta de janeiro de 1815. *Sir Strangford*, Ministro de S. M. Real da Inglaterra, foi o seu autor. Um roubo famoso! Strangford pediu diretamente a D. João VI que lhe emprestasse dois livros raros e preciosos, do acervo da então chamada Real Bibliotheca. D. João, que não gostava muito de Strangford, e que já pedira sua substituição na corte, atendeu mesmo assim ao pedido, mas com certa relutância. Pois bem, no dia 14 de janeiro desse ano, o inglês escafedeu-se para a Inglaterra e, sorrateiramente, levou consigo os ditos livros. Eram eles: *O Cancioneiro* e o *Blasonero geral*. Do primeiro, a Real Bibliotheca possuía dois exemplares; do segundo, apenas o que foi roubado. D. João ficou furioso e encarregou o representante do Brasil em Londres, “de sacar das unhas de Strangford os dous livros, com que elle daqui sahio, abusando da franqueza de S.A.R. em lhos conceder, para os ler”. Parece que o esforço do representante brasileiro foi em vão. Os livros nunca foram sacados e nós ficamos sem eles.

---

E por falar em roubo, valeria recordar o caso do pagamento dos 70 e tantos mil livros que a Biblioteca pagou aos herdeiros